



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

SENSIBILIDADE E SOCIABILIDADE NAS SALAS DE CINEMA DA CIDADE DE GOIÁS (1909 – 1937)

Ana Carolina Passos Aun*

Vale salientar que esta apresentação é fruto de reflexões iniciais suscitadas por problemáticas levantadas no projeto e que neste momento farei uma breve apresentação das mesmas posto que o desenvolvimento da pesquisa se encontra em fase inicial, dada a nova roupagem do projeto recém aprovado no programa de PPGHIS-UFU.

É interessante perceber que a primeira república do Brasil foi marcada por intensas mudanças que atingiram a vida social. “A economia capitalista estende suas operações para regiões cada vez mais remotas do planeta, transformando essas áreas de modo profundo” (BERMAN, 1986, p.15).

Como meio urbano que emergiu a partir da extração de metais e pedras preciosas à época da colonização portuguesa no Brasil, a Cidade de Goiás tornou-se um símbolo do centro político tradicional. Como tantas outras da época, a Cidade de Goiás mesclava hábitos rurais com hábitos urbanos que se desenvolviam de forma peculiar. Percebemos que a cidade existe, mas a ruralidade ainda é bastante presente evidenciada nas casas com suas grandes janelas e quintais vastos.

* Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

No final do século XIX e início do século XX a cidade passa a ganhar importância e isto fica claro nas normas disciplinadoras ligadas a um caráter civilizador, na sua maioria são leis responsáveis pela saúde da comunidade e referentes às casas e ao comércio. O hábito rural não deixa de existir, mas a cidade ganha maior evidência:

Nesse período, reordena-se o aparelho do Estado, e o modelo capitalista europeu passa a ser almejado para o Brasil. Foi nesse contexto que se tornou ainda mais evidente a necessidade de ordenar o espaço urbano, administrá-lo de forma a garantir o aumento populacional e, por conseguinte, maior produção. Assim, criar espaços diversos a atividades diversas era com certeza o primeiro passo para um ambiente urbano organizado e disciplinado. Nessa tentativa, foram incrementadas normas que pudessem desfazer a “mesclagem” dos hábitos da fazenda com os da cidade. No caso da criação de animais domésticos nas ruas, isso fica muito claro; e, no caso do transporte a cavalo, fica evidente que o cavaleiro deveria seguir as normas adequadas ao ambiente urbano (GOMIDE, 1999: p. 54).

Pensando na vida social e cultural da cidade de Goiás esta surge com força a partir de 1850 juntamente com essas mudanças que são introduzidas no Brasil e se intensificam com a chegada da República. Para elevar a vida cultural da cidade em 1857 foi inaugurado o Teatro São Joaquim, considerado o primeiro Teatro de Goiás. Logo no início já exibiam peças dos grandes centros, São Paulo e Rio de Janeiro. Além do teatro, as principais manifestações eram de arte e cultura, sarais, jograis, artes plásticas, literatura e mais tarde o cinema. Nos jornais percebemos a importância das manifestações culturais. Como exemplo, temos um trecho sobre a criação de uma sociedade teatral:

Sociedade Theatral – alguns amadores desta arte tratão de reunir uma sociedade com o fim de dar representações regulares no teatro de S. Joaquim. Concorrendo de nossa parte para uma tão útil quão interessados de qualquer forma, para que leve avante a idéia de estabelecimento da sociedade dramática que tantas horas de praser já proporcionou ao público desta capital, pedimos para animar com seu importante auxílio a sociedade de que se trata (Jornal A tribuna livre, 1879: p.3).

As primeiras décadas do século XX caracterizam-se por uma efervescência cultural que já se fazia adivinhar, desde os fins do século XIX, com os exemplos citados acima. As transformações culturais ocorridas nas últimas décadas do século XIX -

jornalismo, teatro, saraus literários e musicais - encontram maior definição no século XX.

O cinema faz parte dessas transformações e se insere no ambiente almejado. A primeira projeção, em Goiás, aconteceu no dia 13 de maio de 1909, às 20 horas no Teatro São Joaquim, sob o comando da Empresa Recreio Goyano, que projetou “comédias, dramáticas e phantásticas”, como dizia o cartaz colocado no saguão do teatro retratado no jornal O Lidador de 1909. Era inaugurado o Cinema Goyano. O convite para o evento dizia:

As Exmas. Famílias que quiserem poderão mandar cadeiras.
Entradas:
Geral: 2\$000
Cadeira: 3\$000
Os bilhetes achão-se á venda na pharmacia S. Domingos e nas casas dos Srs. Felipe Baptista, Francisco de bastos e Bichara Saddi (Jornal O Lidador, 1909: p.3).

A programação era composta por vários curtas, como exemplo: “As Proezas de Dom Quixote”, anunciado como “uma verdadeira fábrica de gargalhadas”; “Santos Dumont”, documentário sobre as peripécias do Pai da Aviação em Paris; “O Enforcado”, comédia, e “Chegada e Partida de Trens de Ferro” (LEÃO, 2010, p. 14). Nessa época os filmes tinham duração de 10 a 20 minutos, assim à programação era composta por vários curtas.

A quantidade de cinemas na cidade no período estudado que vai de 1909 á 1937 – o período foi recortado devido a dois grandes acontecimentos relativos ao cinema na Cidade de Goiás, em 1909 temos a primeira exibição cinematográfica e em 1937 a criação do primeiro cinema falado – é significativa e pelas datas percebemos que em determinadas épocas existiam dois a três cinemas ao mesmo tempo. O Cinema Goyano tinha sede no Teatro São Joaquim e permaneceu lá de 1909 a 1917, depois foi construída uma sede própria e este cinema funcionou ininterruptamente até 1934. Em 1914 surgiu o Cinema Luzo-brasileiro, de 1919 a 1923 temos o Cinema Iris, de 1923 á 1927 temos o Cinema Ideal e em 1925 o Cinema Central. Em 1937 é inaugurado o primeiro cinema falado do Estado, o Cine Progresso.

O cinema era mudo e cada sala contava com uma orquestra que faziam os fundos musicais nas sessões cinematográficas. No começo a Banda do Exército fazia os

acompanhamentos musicais, a partir de 1914 com a inauguração do Cinema Luzo-Brasileiro cada cinema passou a ter sua orquestra, a primeira foi criada pela Maestrinha Nhanhá Couto (LEÃO, 2010: p. 14)

O cinema é o ponto de pesquisa do nosso trabalho, pois ele compõe em torno de si uma variedade de experiências e comportamentos, ora forjando estilos, ora servindo de espaço de convivência para diversas manifestações culturais. Congrega uma diversidade de valores e costumes que vão se modificando com os referenciais que existiam. As estruturas e simbologias criadas em torno do cinema sofrem interferências direta desses referenciais e se transformam a partir do processo de construção de novos significados deste espaço.

Para entendermos a estrutura envolta na transformação do cinema temos que problematizá-lo com a sociedade da época, com suas necessidades e anseios. Segundo Ben Singer (2004, p.112), as mudanças na cidade proporcionam, sobretudo, novas formas de adaptação e interação entre os indivíduos que convivem naquele espaço.

Pensar no cinema para além do lazer, refletir sobre seu aspecto social, o lugar que ele ocupava na sociedade da época, os elos que se formam com esta mesma sociedade, os elementos que compõem e que tornaram possível a simpatia com o público e a sua conseqüente popularização.

Como o projeto tem como ponto o cinema e entender em que medida o surgimento deste possibilita novas formas de sentir e relacionar-se modificando a sensibilidade e sociabilidade da sociedade, e indispensável algumas reflexões sobre o assunto. Eric Hobsbawn (apud KORNIS, 1992: p.1) disse que o cinema iria influir decisivamente na “maneira como as pessoas percebem e estruturam o mundo”, e ele foi feliz em sua afirmação. Ao questionar o conceito de cinema, Chris Rodrigues afirma que se trata de:

Imagens fotográficas em movimento, projetadas em uma tela a uma determinada velocidade, criando a impressão de movimento. Por se tratar de uma arte baseada em imagens, e as imagens por si só podem não ser suficientes para contar-nos uma história em termos dramáticos, apoia-se tecnicamente em outros elementos, principalmente no som, para atingir sua principal característica, que é a necessidade de mostrar visualmente todo o contexto dramático da história ao espectador (RODRIGUES, 2007: p.13).

Para Ferro, o cinema é um testemunho singular de seu tempo, pois está fora do controle de qualquer instância de produção, principalmente o Estado. Mesmo a censura não consegue dominá-lo. O filme, para o autor, possui uma tensão que lhe é própria, trazendo à tona elementos que viabilizam uma análise da sociedade diversa da proposta pelos seus segmentos, tanto o poder constituído quanto a oposição. Sobre a obra cinematográfica Ferro aponta:

[o cinema] destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo se tinha constituído diante da sociedade. A câmara revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar. Ela descobre o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seus “lapsus”. É mais do que preciso para que, após a hora do desprezo venha a da desconfiança, a do temor (...). A ideia de que um gesto poderia ser uma frase, esse olhar, um longo discurso é totalmente insuportável: significaria que a imagem, as imagens (...) constituem a matéria de outra história que não a História, uma contra-análise da sociedade (FERRO, 1988: p. 202-203).

Pretendemos entender, também, como essa sociedade experienciou a modernidade através do cinema. Sempre lembrando que para a sociedade da época a modernidade era sinônimo de progresso como podemos perceber o trecho a seguir:

A administração da cidade de Goiás, na condição de capital da província, por meio das normas de conduta, já estava de certa forma tentando inserir-se nas novas discussões e no conceito acerca do que deveria ser um centro urbano. Entretanto, para a capital goiana e o cotidiano no qual estava inserida, modernidade era uma discussão distante, e esta só poderia ser entendida à época como “progresso”. Dessa forma, o progresso local estaria diretamente ligado às imposições de padrões de conduta (GOMIDE, 1999: p.75).

Essa visão de progresso sempre existiu, para confirmar temos dois trechos de jornais em diferentes períodos:

Collaboração

O novo “Theatro”

Calculamos em oito mil o numero de pessoas existentes nessa capital e se achão nas condições de nos auxiliar; mas como é prudente sempre se contar com muitos contratempas e devemos em conta sempre a má vontade de almas pequenas e espíritos revogados, que, a semelhança donoctivagos, temem a luz e procurarão sempreas trevas, contemos que dessas 8 mil almas somente três mil comprehendam o alcance do melhoramento que propomos a realizar; porquanto parece que alguns, ou por espirirto de oppsição a tudo quando é progresso, ou porque não comprehenderão bem a influencia benéfica que o theatro exerce na

educação do povo, ou por outro qualquer motivo que não convém examinar, negão a utilidade da empresa (...) (Jornal Goyas, 1894: p.2).

Cinema Luzo Brasileiro. Tem sido grande a concorrência às sessões desta elegante casa de espetáculo. Os films focalizados tem sido muito apreciados pela sua cuidadosa escolha, concorrendo para a animação das sessões irrepreensível orchestra que sobre a abalisada direcção da maestrina D. Nhanha do Couto tem deliciado os habitueés do Luzo. A modificação feita pelo proprietário do Luzo, substituindo a banda policial pela actual orchestra, mereceu os applausos de todos aquelles que querem que a nossa terra acompanhe o progresso. É verdade que bandas de músicas em Cinemas, só se vêem em Goyaz (Jornal de Goiaz, 1915: p.2).

Intentamos verificar como essa idéia de progresso está envolvida com o cinema e como a experiência disto é entendida pela sociedade da época. Para Georgs Simmel o cinema intensifica os estímulos nervosos, que resultaria da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos interiores e exteriores, e isso está relacionado diretamente na forma como essa população vai se compreender e se relacionar, traduzidos em sensibilidades e sociabilidades e é a partir dessas novas formas que podemos verificar as alterações sofridas por esta sociedade.

Estudar as sensibilidades e sociabilidades de um outro tempo não é uma tarefa fácil já que estamos lidando com outras formas de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. Segundo Sandra Pesavento (2005) as sensibilidades são “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos”.

As sensibilidades lidam com a subjetividade, com as sensações e o emocional, um conhecimento sensível que nasce dos sentidos do intimo de cada individuo. Outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. Esse tipo de preocupação no campo da história permitiu dar ênfase a questão do individuo e das histórias de vida.

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos (PESAVENTO, 2003: p. 57).

Essa nova forma de perceber a história dos indivíduos nasce de outra forma antes da História Cultural como ela nos moldes atuais.

Na verdade, a descoberta dos sentimentos fora uma invenção dos românticos, tal como esta busca do passado nacional e da escrita de uma história que revelasse as origens de um povo. Daí adveio, inclusive, uma consciência de um modo de ser, de uma sensibilidade própria de uma comunidade ou do espírito de um povo que, descobertos pelos românticos e construídos como história nacional, davam a ver o passado, explicavam o presente e preparavam o futuro dos Estados Nacionais em solidificação (PESAVENTO, 2005).

Perceber a alteridade do passado e suas diferenças de códigos e valores, o passado é imposto como outro nessa diferença entre o tempo em que você fala e o tempo do qual você fala.

Não há, pois, como deixar de ter em conta aquilo que é próprio da história: o fato de que as respostas construídas sobre o tempo escoado são sempre provisórias, cumulativas, parciais, datadas, prováveis e que o historiador busca tornar sempre, o mais possível, verossímil e convincente. Ao estabelecer os marcos destes filtros do passado, é que a atividade do historiador se constrói como uma tarefa hermenêutica (PESAVENTO, 2005).

Entender a hermenêutica¹ é aprender a interpretar tudo que há no processo interpretativo, não somente textos escritos, mas também formas não verbais de comunicação. Compreender e interpretar qualquer manifestação linguística. Os eventos históricos, os valores e a cultura devem ser compreendidos. Outro ponto é perceber a necessidade da materialidade desse sensível:

Mas, para o historiador, outros problemas ainda se apresentam na sua tarefa, além da incorporação desta atitude hermenêutica. Para que ele construa sua versão sobre o passado, é preciso encontrar a tradução externa das tais sensibilidades geradas a partir da interioridade dos indivíduos. Ou seja, mesmo as sensibilidades mais finas, as emoções e os sentimentos, devem ser expressos e materializados em alguma forma de registro passível de ser resgatado pelo historiador. Coloca-se, pois, aquele requisito básico para a tarefa do fazer história: é necessário que a narrativa se fundamente no que chamam de marcas de historicidade, ou as fontes ou registros de algo que aconteceu um dia e que, organizados e interpretados, darão prova e legitimidade ao discurso historiográfico (PESAVENTO, 2005).

¹ Utilizamos aqui o pensamento de Wilhelm Dilthey e Johann Gustav Droysen, *pois a partir de seus trabalhos a hermenêutica tornou-se uma metodologia das ciências humanas.*

Lembrando que além de perceber as sensibilidades da sociedade da Cidade de Goiás, também é necessário perceber como a sociabilidade sofreu alterações, para isso se faz necessário entender seu conceito. Neste campo buscaremos perceber o cinema como um espaço de sociabilidade. O cinema poderia ser um espaço para fins de repouso, diversão, recreação ou entretenimento para sociedade da Cidade de Goiás. Ou mesmo para fins de caridade, como podemos perceber no trecho do diário de Anna Joaquina Marques, moradora da cidade:

Antonina Cam^a esteve aqui de noite. Nessa noite houve Kermesse q. fizeram p^a fazer uma caza para lazareto, para os doentes pobres que não tem onde ficar, a kermesse foi no Cinema Luzo (14/03/1925).

A sociabilidade pressupõe troca e reciprocidade e as características de determinados momentos ou processos históricos são governados por um movimento maior.

A sociabilidade é constituída por meio de troca de valores sociais ligados materialmente ao grupo. Esta troca assume a forma de uma produção pessoal para o consumo auditivo e visual dos outros (a coletividade). A coletividade consome os valores gerados no grupo e o troca quando há uma circulação deste bem que é à base da *sociality*. A circulação de valores é feita como comunicação e este é o processo de constituição da sociabilidade (OLIVEIRA: SANTOS, 2008: p. 145).

Ela tem como alvo não as relações formais, mas as espontâneas que acontecem no nosso dia-a-dia, nesse espaço que diferentes sujeitos se relacionam e se transformam em uma unidade de interesses se realizam. “O que une as pessoas é a busca de uma relação descomprometida, efêmera e que preserve um caráter lúdico diante da variedade de temas e assuntos abordados” (OLIVEIRA: SANTOS, 2008: p. 145).

Assim queremos aqui dialogar sobre as mudanças ocorridas na sociedade goiana com o advento do cinema, como este interferiu na modificação dos costumes fazendo surgir novas formas de sensibilidades e sociabilidades e como experiência da modernidade entendida pelo discurso do progresso se insere naquele momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, W. **Estudos de História de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2006.

AZEVEDO, V. de S. (2001). **Entre a tela e a platéia: Theatros e Cinemathographos na Franca da Belle Époque (1890-1930)**. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de história, Direito e Serviço Social – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

BENFICA, E e BETO, L. **Goiás no século do cinema**. Goiânia: Kelps, 1996.

BETO, L. **Centenário do Cinema em Goiás 1909 – 2009**. Goiânia: Kelps, 2009.

CARVALHO, J. D. (2010). **Lazer, cinema e modernidade: um estudo sobre a exibição cinematográfica em Montes Claros (MG) – 1900 – 1940**. Dissertação de Mestrado em História Social – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

CHARNEY, L e SCHWARTZ, V (Orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FERRO, Marc. “**O Filme, como uma contra-análise da sociedade?**”. In: *História: novos objetos*, dir. Jacques Le Goff e Pierre Nora, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1988.

GOMIDE, C. H. (1999). **Centralismo Político e Tradição Histórica: cidade de Goiás (1930-1978)**. Dissertação de Mestrado em História das Sociedades Agrárias. Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

KORNIS, M. **História e Cinema: um debate metodológico**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 237-250. Disponível em:<http://www.cliohistoria.110mb.com/videoteca/textos/historia_cinema.pdf>

MACHADO, F. M. (2005). **Entre caboclas e Thedas Baras: a tradição e modernidade a partir do cinema na década de 20 na jovem capital mineira**. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PESAVENTO, S. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

PESAVENTO, S. [et. al]. **Sensibilidades e Sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Ed. UCG, 2008.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

PESAVENTO, S. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Coloquios, 2005, [En línea], Puesto en línea el 04 février 2005. URL : <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em 15jul.2011.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção.** Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

TURNER, G. **Cinema como prática social.** São Paulo: Summus, 1997.

URZEDA FILHO, O. **História visual em Goiás: modernidade e tradição.** Disponível em:<
http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/37_OsirisDeUrzedas_HistoriaVisualEmGoias.pdf> Acesso em: 15jul.2011.